REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

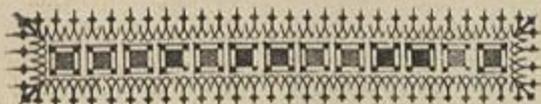
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 874

10 DE ABRIL DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHEGADA DO BERGANTIM REAL AO CAES DAS COLUMNAS E DESEMBARQUE DE S. M. EDUARDO VII

(Photographia do sr. J. M. Silva)

CHRONICA OCCIDENTAL.

Sexta feira de Paixão!

Que contraste a melancolia do dia de hoje com tantas festas que ainda não ha muito, atrahiram a Lisboa tanta gente da provincia, vivas de multidão em theatros e toiradas, paradas, almoços, jantares, concertos!

Sexta feira de Paixão! O Rei dos Judeus expirou pregado na cruz e as palavras que disse, repetidas atravez dos seculos pelos Evangelhos, serão eternamente memoraveis, porque Elle fez de todos os homens seus irmãos e entre os homens instituiu a fraternidade.

Palavras de reis nem sempre terão duração tamanha, que tudo o que é humano é por natureza marcescivel, como a vida em nós todos. Marcescivel será até a grande gloria e poderio das nações, como a do Egypto, a da Persia, a da Grecia, a do Imperio romano.

Esteve Lisboa em festa e lisongeou-se Portugal com a visita e com as palavras do monarcha mais poderoso da terra, senhor d'uma quinta parte do inteiro mundo, a qual, dia a dia, mais se vae alargando.

Visitou-nos Eduardo VII e para Portugal se dirigiu a primeira vez que, depois de coroado, sahiu de seus estados.

A significação da visita a ninguem se esconde, o ser a primeira redobra-a.

O enthusiasmo foi aquecendo desde a hora em que El Rei de Inglaterra desembarcou no Caes das Columnas para se dirigir ao Paço das Necessidades onde se alojou, até áquelle em que recebido pelas Associações Commerciaes na grande sala do Tribunal do Commercio, ali se despediu dos portuguezes.

As palavras com que, mais d'uma vez, agradeceu as saudações que lhe dirigiram consolidaram uma esperança. Ella breve se transforme em fé e a visita de El-Rei de Inglaterra a Portugal ficará o caso mais digno de memoria em toda a nossa historia moderna.

As festas publicas foram realmente maravilhosas e não perderam o seu tempo os provincianos que em todas as estações de Lisboa em grossos magotes desembarcaram.

Basta-nos citar as phantasticas illuminações da Outra Banda nas quaes mais uma vez se revelou o bom gosto artistico do sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, actual deputado por Lisboa. Muitos crimes de leza-arte que n'essa occasião se commetteram o senso artistico d'um homem fel-os em poucas horas esquecer.

Era enorme a multidão que se apinhava no Aterro e nos pontos altos de Lisboa admirando o espectaculo soberbo, que em raros pontos do mundo poderia ser egualado.

A noite era tepida e formosissima, como formosos foram os dias todos em que El-Rei de Inglaterra se demorou em Lisboa.

A primavera da nossa terra quiz conservar a fama que tem no extrangeiro, muito melhor do que merece.

Abril esqueceu-se do dictado com que costumamos definil-o. Céu e Tejo vestiram suas vestes de gala, o manto azul, emblema de sua realeza. O bergantim real, com uns oitenta remeiros, vogou sobre uma enorme saphira que os areaes engastoavam com seu oiro de fama antiga.

Restos de nossa antiga opulencia admiraram os inglezes n'esse dia de chegada, as galeotas reaes e os coches em que percorreram entre alas compactas de povo as ruas principaes da cidade.

Até Cintra, tão amiga de nevoeiros, abril lhes ostentou sem uma nuvem, toda perfumada pelas rosas e violetas de sua serra, cheia de sol e do verde macio de suas folhagens.

Curta foi a demora n'aquelle paraizo que Lord Byron cantou como poeta, para dizer ao menos uma verdade entre acervos de calumnias.

Não teve decerto Eduardo VII tempo necessario para meditar o que devia sobre a nossa antiga grandeza e sobre injustiças que soffremos. Da primeira poderiam ter-lhe falado as velhas pedras da Pena, as que ainda são do antigo convento. Para o alto d'aquella serra vinha El-Rei D. Manoel, conta-o a tradição, deitar olhos longos para o mar e ver se despontava no horisonte alguma das naus da India.

Já Vasco da Gama trabalhava então para a riqueza fabulosa da nação ingleza.

De injustiças poderiam ter falado as pedras de Setiaes, d'aquelle velho palacio em que foi assignada a convenção de Cintra.

Subiram os reis até á Pena, desceram depois até Monserrate. Viram o que havia de mais bello.

E sempre El Rei de Inglaterra tinha palavras amaveis, recordando factos que passaram, dizendo aos p rtuguezes que houvessem confiança no futuro.

Assim, quando partiu, grato a quem por uma forma deveras real o recebêra, grato ao povo que o hospedára, sentia decerto em seu coração uma ternura maior por este pequeno paiz, que tamanho foi, cuja amizade promettida desde ha muito a mereceu.

Onde o enthusiasmo de acclamação ao monarcha da grande Inglaterra attingiu o maior grau foi decerto na Sociedade de Geographia, que tantas memorias guarda religiosamente, não só do que foi Portugal n'outras eras, mas ainda do muito que poude conquistar glorias em tempos menos prosperos, pelo valor de seus soldados. Ali foi grande o enthusiasmo, dissemos, ali foi grande a commoção do poderoso rei. Nem podia deixar de ser. Velhos officiaes de marinha britannica enchiam-se-lhes os olhos de lagrimas.

As razões de alliança entre as duas nações, de que tanto se tem falado, avigorou-as um sentimento.

Foi-se El-Rei Eduardo e durante muitos dias noutro assumpto se não deve falar. Annos, seculos, hão de talvez durar memorias d'estes dias.

Semana Santa agora. Depois de tanta festa, as lamentações, o canto plangente dos padres, os sinos calados nas suas torres até Sabbado de Alleluia.

Não ha nada mais vulgar de que os contrastes, nada mais vulgar nem a que tanto custe irmonos costumando.

Abril veio quente; é esse até seu maior defeito. O verão este anno começa mais cedo. Já Lisboa o vae sentindo.

O theatro de S. Carlos já fechou e não tarda o de D. Amelia a seguir-lhe o exemplo, no que se refere aos espectaculos da companhia portugueza que terminarão no dia 25.

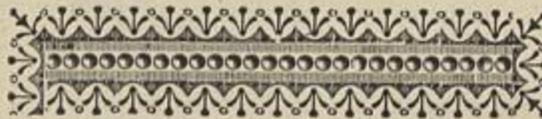
Antes d'isso, porém, realisar-se-ha ali uma festa interessante, homenagem prestada pela Associação dos Jornalistas ao seu collega brazileiro Arthur d'Azevedo, auctor do «Bandolim». Explicarão o sentido da manifestação os srs. Lourenço Cayola e José Antonio de Freitas em dois pequenos discursos, e os principaes actores do theatro dirão versos de alguns poetas portuguezes dedicados ao seu collega e mais jornalistas brazileiros a que tanta gratidão devem os artistas portuguezes.

Será decerto uma linda noite, não devendo faltar no theatro a concorrencia da colonia brazileira. Será convidado para assistir ao espectaculo o ministro dos Estados Unidos do Brazil, que segundo se espera, será acompanhado por todo o pessoal do consulado e legação.

Demos mais uma pequena volta pela rua do theatro, a velha rua do Thesoiro Velho, tambem modernamente chrismada, e entremos um instante n'um pequenino rez do chão á direita, onde a sr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro estabeleceu uma exposição permanente de suas delliciosas rendas, verdadeiros primores, poemasinhos feitos de linha, cuja inspiração ella, verdadeira artista, foi buscar a quanto é nosso, flora e fauna, ornatos maravilhosamente cinzelados nas pedras dos nossos templos. E' um verdadeiro prazer de arte a visita áquella casa pequenina, mas tão artistica como raras havemos visto em Lisboa.

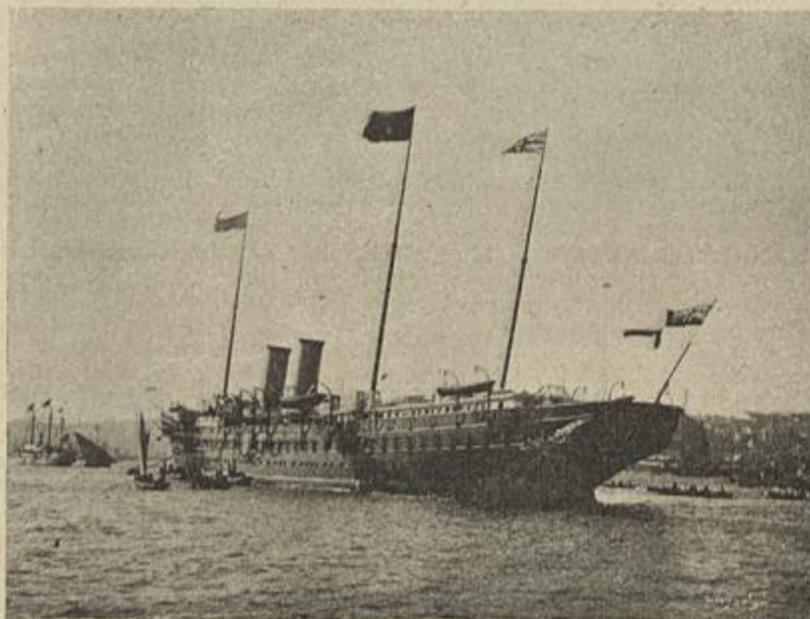
Um pouco mais adiante á esquerda estabeleceu o sr. Lallemant o seu pequenino museu de pintura e esculptura, onde podemos admirar alguma das obras dos nossos maiores artistas pintores e esculptores. N'aquella mesma sala será aberto o curso que terá alguns d'esses artistas como professores, á escolha dos alumnos. Isto faltava em Portugal e não podemos deixar de elogiar o sr. Lallemant por sua iniciativa.

Mais de espaço esperamos poder voltar ao assumpto. Por hoje indiquemos apenas a existencia d'essa nova sala em que ha provas encantadoras da vitablidade dos artistas portuguezes.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISITA DE EDUARDO VII A PORTUGAL

A CHEGADA

Comquanto o mau tempo tivesse empedido o rei Eduardo VII de embarcar em Portsmouth, no dia 30 de março, como estava determinado, e esse embarque só podesse ter sido feito no dia seguinte, por tal forma accelerou o seu andamento o *Yacht Victoria and Albert*, que ás 2 horas e meia da tarde do dia 2 do corrente entrava a barra do Tejo, seguido dos dois couraçados inglezes *Minerva* e *Venus*, que içavam os signaes de saudação á terra, emquanto que no bello *yacht*, alem de identicos signaes, era içada no castello de pôpa a bandeira portugueza, saudada pela infanteria de bordo.

Antes de entrarmos nos pormenores da chegada de S. M. Eduardo VII abramos um parenthesis para nos referirmos ao bello *yacht* de recreio do rei de Inglaterra, que pela sua excepcional construcção fez com que mais uma vez se justificassem os creditos de pontualidade de que a Grã-Bretanha gosa.

Calcula-se ter sido a construcção do *Yacht Victoria and Albert* mais dispendiosa do que a dos melhores couraçados inglezes.

Logo depois de ser lançado ao mar foi preciso modificar completamente a disposição interior mas, mesmo assim, depois do segundo lançamento, os engenheiros tiveram que o mandar novamente para o estaleiro, porque inclinava mais para um lado do que para outro.

Os officiaes do *Victoria and Albert*, declaram que elle agora é o modelo dos *yachts*.

A sua velocidade, que primitivamente era de 20 nós, é agora de mais meio nó, depois das modificações introduzidas na machina. E' pois, mais veloz que o *Standard* (o *yacht* do czar) e egual em velocidade ao *Hohenzollern*, de Guilherme II, da Allemanha.

O *Victoria and Albert* póde fazer uma derrota de 3:200 kilometros, á razão de 14 nós por hora, sem ter que renovar a sua provisão de carvão.

A *promenade deck* mede de comprimento 50 metros. Tem duas *cabines*, especialmente destinadas á rainha e suas damas de honor, para quando o mar esteja bravo. Todos os *appartements* do *yacht* estão montados luxuosamente, sobretudo a *state dining room*, sala de jantar, que tem espaço sufficiente para mais de 200 convivas.

As salas do *yacht* são d'uma sumptuosidade extrema, dando mais a ideia d'um palacio do que d'um simples barco de recreio, pela riqueza das suas ornamentações interiores.

Eduardo VII amante, não só do *sport* nautico, mas homem de bom gosto e d'uma grande intuição artistica, tem feito do seu *yacht* um verdadeiro museu de objectos de raro valor, onde o luxo e a arte se casam n'um conjuncto da mais requintada elegancia.

O commandante do *yacht* é o vice-almirante Lambleton, que tanto se distinguiu no cerco de Ladysmith, e que fazia parte da comitiva do rei Eduardo.

* * *

Entre Algés e Belem começaram a juntar-se aos cruzadores *D. Carlos, D. Amelia e Adamastor*, outros vapores conduzindo muitas pessoas, organisando-se então uma flotilha na verdade imponente.

Perto das 4 horas o *yacht* ancorava, sendo recebidos a seu bordo os srs. ministros da marinha e dos estrangeiros, que foram dar as boas vindas a el-rei Eduardo VII.

Pouco depois chegava el-rei D. Carlos com a sua comitiva no bergantim real, demorando-se os dois monarchas em conferencia até depois das 5 horas, finda a qual desceram para o bergantim que os conduziu para terra.

O desembarque no caes das columnas foi magestoso, fazendo um bello effeito a Praça do Commercio repleta de officiaes do exercito e dignitarios, ostentando as suas fardas e commendas, em promiscuidade com as vistosas toilettes das damas, ao mesmo tempo que de todos os lados esturgiam os *hurrahs* de saudação por entre os sons dos hymnos reaes tocados a bordo do *yacht* e em terra.

Apenas o bergantim atracou foram S. S. M. M. recebidos pela camara municipal, pelas deputações das camaras dos pares, deputados, etc., dirigin-

O YACHT VICTORIA AND ALBERT — (Photographia do sr. Arnaldo da Fonseca)

do-se ao pavilhão armado na praça, onde el-rei D. Carlos apresentou ao seu illustre hospede, o sr. conde d'Avila, presidente da commissão administrativa da camara municipal, que proferiu em francez uma allocução em nome da cidade de Lisboa e á qual respondeu, agradecendo, o rei Eduardo VII.

Seguiram-se depois as apresentações feitas por el-rei D. Carlos, dos seus ministros, presidentes das duas casas do parlamento, pessoal das suas casas militar e civil, governador civil etc., e pelo rei Eduardo VII do pessoal da sua comitiva.

S. S. M. M. EDUARDO VII E D. CARLOS I SAHINDO DO PAVILHÃO DA PRAÇA DO COMMERCIO

(Photographia do Sr. Henri Dupuis)

Depois d'estas apresentações foi organisado o cortejo que se poz em ordem pela seguinte forma:

A' frente um esquadrão de 75 cavallos de cavallaria 3, sob o commando do sr. capitão Pessoa; 6 moços de estribeira, montando bellissimos cavallos, ricamente ajaezados; 1.º coche de gala, conduzindo o srs. coronel Duval Telles, tenentes Figueira e Senna; 2.º coche, com os srs. Ponsonby, do sequito de Eduardo VII, condes de Tarouca e Arnoso e vice-almirante Hermenegildo Capello; 3.º coche, com o captain honorable Fortescue, sir Labring, do sequito de Eduardo VII, conde da Figueira e marquez de Alvito; 4.º coche, com o honorable Harding, Hedwart Lambleton e duque de Loulé; 5.º coche, com os srs. Francisco Maria da Cunha e general inglez sir Stanley Clark; 6.º coche, com os soberanos e Infante D. Affonso.

Todos os coches eram ladeados por criados da casa real, fechando o prestito o estado maior do general da divisão e o resto do regimento de cavallaria 3, sob o commando do seu coronel.

A' estribeira do coche real ia o general da divisão, ao lado esquerdo, e do outro lado, a pé, o sr. major Dias, da policia. Iam tambem a pé muitos jornalistas, policias da preventiva, e da judiciaria, etc.

As forças militares encontravam-se assim dispostas:

Desde o Caes das Columnas até á tribuna, estavam os alumnos da Escola Naval, em dois pelotões, sob o commando d'um 1.º tenente. Do lado occidental da praça do Commercio em frente para o rio, o regimento de cavallaria 3, sob o commando do coronel Duarte da Silva.

Ao lado norte da praça, entre as ruas da Prata e do Ouro o corpo de marinheiros, dividido em dois batalhões O primeiro tinha o guião azul com armas e corôa branca, sob o commando do capitão-tenente Annibal Santos Dias, e o 2.º batalhão com o guião branco e corôa azul, commandado pelo capitão-tenente Raphael Pereira Nunes. Toda a força de marinha sob as ordens do capitão de fragata João Maria da Costa.

Desde o Terreiro do Paço até á rua da Victoria estendia-se o regimento de caçadores 2, tendo á direita o coronel Kukembuck dos Prazeres, commandante da 1.ª brigada.

Postado á esquerda e tornejando para a rua do Carmo, o regimenro de infantaria 1. D'este ponto até ao Largo das Duas Egrejas, infantaria 2; d'ali até á praça do Duque da Terceira, o corpo da guarda municipal, sob o commando do coronel Ventura.

D'esta praça até á rua de D. Carlos estava postado o regimento de artilharia 1, seguindo-se lanceiros 2 e cavallaria 4, que se estendiam até ao fundo da rampa de Santos.

D'ahi ate á frente do predio n.º 21 da rua das Janellas Verdes o regimento de infantaria 5, e á esquerda até á Pampulha, infantaria 16.

No largo das Necessidades formavam alas os alumnos da Casa Pia, em numero de 600.

Em frente do Paço, os alumnos da Escola do Exercito, com a banda de infantaria 7.

No atrio do palacio os alumnos de cavallaria da mesma Escola.

As ruas do transito offereciam um formosissimo aspecto, especialmente as ruas do Ouro, Nova do Carmo, Chiado, Alecrim, Rampa de Santos, e Janellas Verdes, devido não só ás variegadas côres das colgaduras que pendiam de muitas janellas, como as toilettes das damas que em grande numero as enchiam.

A agglomeração do povo que se dividia pelas ruas do itinerario esperando a passagem do cortejo era enorme.

Em differentes pontos do trajecto Eduardo VII foi alvo de ovações enthusiasticas, e na rua do Ouro e Chiado deitaram de muitas janellas flores sobre o coche real.

E' por entre uma verdadeira apotheose de saudações enthusiasticas que o cortejo chega ao Paço das Necessidades, onde as forças de engenharia e dos alumnos da Escola do Exercito prestaram a devida continencia, ao mesmo tempo que os alumnos da Real Casa Pia de Lisboa, em numero de 600, formados em duas alas, rompiam n'uma salva de palmas ao regio hospede, manifestação que o rei Eduardo agradeceu fazendo a continencia e sorrindo amavelmente para os manifestantes.

O cortejo entrou pela porta principal do Paço e ali, junto ao vestibulo pararam os coches, apeando-se a comitiva que aguardou a chegada dos monarchas, que, com o sr. infante D. Affonso se dirigiram para o salão da recepção, onde os esperava com suas damas e as da Rainha Senhora D. Amelia, Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia.

APOSENTOS DE EDUARDO VII NO PAÇO DAS NECESSIDADES

Os aposentos que o rei Eduardo occupou no Paço das Necessidades durante os dias que se demorou em Lisboa, pertenciam a El-Rei D. Carlos, que passou temporariamente para os quartos de sua alteza o principe real, sendo no gabinete de trabalho de Sua Magestade que se improvisou o quarto de dormir do rei Eduardo.

Este quarto é todo forrado a seda carmezim com frizos dourados e de aprimorado valor e gosto artistico nas suas decorações.

O mobiliario alem d'uma cama de mogno e pau santo, estylo Renascença, compunha-se de um *buffette* de pau santo e cadeiras de espaldar com pregos, secretaria de carvalho, com guarnições de pau rosa, estante Renascença, divan com duas almofadas de seda azul escuro e bordadas, cadeiras douradas, poltronas forradas de seda carmezim, tremós e consolos, etc.

A cama, que raras vezes serve, destinando-se sempre ás pessoas de grande representação, tem nos quatro angulos outras tantas columnas torcidas, sustentando um baldaquim riquissimo, de seda vermelha bordada a matiz e com franjas douradas. A colcha de seda amarella de bordadura excellente a ouro e prata era de um grande valor real e artistico.

O chão d'este quarto é de madeira escura encerada, sobre o qual se estende um grande tapete vermelho com as armas de Portugal.

Do tecto, todo em magnifica obra de talha, pende um artistico lustre de bronze dourado de cem velas, com decorações do mesmo metal.

Na parede anterior do quarto está collocado um quadro antigo, de grandissimo valor representando uma passagem da Biblia. Nas outras paredes veem-se quadros muito valiosos, dos melhores auctores, tanto nacionaes como estrangeiros. Armas gentilicas, yatagans de punhos de ouro, uma espingarda de cano de bronze e coronha de marfim, com embutidos de madreperola, salvas de filigrana de ouro, com figuras em relevo, um grande chronometro inglez, de prata, tambem em filigrana, simulando um relogio de algibeira, um barometro aneroide envolvido em caixa de prata, oleographias, etc. Nas *étagéres*, pequeninas figuras de marfim, prata e madreperola. Aos cantos os jarrões da India e do Japão destacam-se pela sua magnificencia.

Ainda n'este quarto, junto á parede do lado esquerdo, está uma estante de mogno, com livros diversos, entre os quaes mencionaremos a *Voyage dans l'Egypte*, *Les arts au moyen age*, differentes obras de Sauvage, collecção completa de Larousse, *The naval annual*, *Vita Christi*, *Rubens, sa vie, ses œuvres* e muitos outros, predominando os inglezes. Do mesmo lado da parede, está uma banca de nogueira, com fundo de mosaico, sobre que estão collocadas umas jarras e alguns copos de crystal, com as armas do conde de Barcellos, destinados a conterem licores e agua.

Junto a este quarto fica o que foi destinado a *toilette* para o rei Eduardo, e que é onde El-Rei D. Carlos costuma dormir.

E' uma sala de pequenas dimensões, simples na sua decoração, tendo as paredes forradas de seda escura em que assentam varios retratos da familia real portugueza e de alguns soberanos da Europa.

Á esquerda um armario de mogno destinado a artigos de vestuario, um lavatorio de marmore e um contador de embutidos de madreperola completam a mobilia.

D'esta casa passa-se á sala de banho, com uma tina tambem de marmore servindo para *duches*.

Do quarto que primeiramente descrevemos saese pela esquerda para a sala do throno do palacio, completamente restaurada, transformada em gabinete particular de Eduardo VII.

Das paredes d'esta sala pendem dois riquissimos pannos de Arrás, sendo todo o compartimento atapetado com riquissimas tapeçarias.

O mobiliario é em estylo Luiz XV; sendo o sophá e cadeiras forradas de seda carmezim, com finos dourados e as poltronas de forro de seda branco e côr de rosa. As sanefas das tres janellas d'esta sala são egualmente em seda côr de rosa em galerias douradas.

N'esta sala está collocada uma mesa de mosaico com pés de bronze sustentando algumas jarras de Japão, e uma outra mesa com objectos de biscuit marfim etc, e um biombo Luiz XV com pinturas magnificas.

Um lustre de crystal de 50 lumes completa a decoração d'esta sala.

Contigua fica a sala azul, chamada sala de recepção, tendo as paredes forradas de seda azul com bordaduras de oiro estylo Rocaille e em cada uma d'ellas um espelho oval de grandes dimensões e de bellas molduras douradas.

São egualmente azues as tapeçarias que cobrem este pavimento.

O mobilario, em estylo Renascença, compõe-se de uma grande *chaise longe*, forrada de seda azul e ouro, poltronas douradas e cadeiras e dois contadores com cercadura de ouro. Nas paredes vêem-se quadros dos nossos auctores. Nas tres janellas estão collocados vasos da china, de grande antiguidade, com lindissimas palmeiras, e tem egualmente um lustre, de magnifico effeito, de crystal e metal dourado, com differentes adornos.

Em outra sala que estava tambem á disposição do rei de Inglaterra, forrada a seda carmezim e mobiliario da mesma côr, estão um piano de grande valor pertencente á rainha D. Amelia e nas paredes quadros e retratos a oleo, espelhos etc.

Os aposentos destinados a S. M. Britannica communicam com o rez do chão, onde estavam installados alguns personagens da sua comitiva, por uma escada interior forrada a tapetes vermelhos com travessões dourados, havendo telephones em todos os compartimentos.

Da comitiva ficaram installados no 1º andar do palacio e na ala esquerda, nos aposentos chamados dos hospedes, o honorable Charles Harding, sub-secretario de estado do ministerio dos negocios estrangeiros; e Stanley Clarck, estribeiro-mór e no rez do chão os sr.ˢ Lambleton, Fortescue e Labring.

PASSEIO A CINTRA

Conforme marcava o programma das festas de Eduardo VII, realisou-se no dia 3 a visita a esta pittoresca villa, para onde o rei de Inglaterra acompanhado de El-Rei D. Carlos e da sua comitiva partiu no comboio real ás 11 horas e 17 minutos da manhã, da estação do Rocio, chegando a Cintra 20 minutos depois.

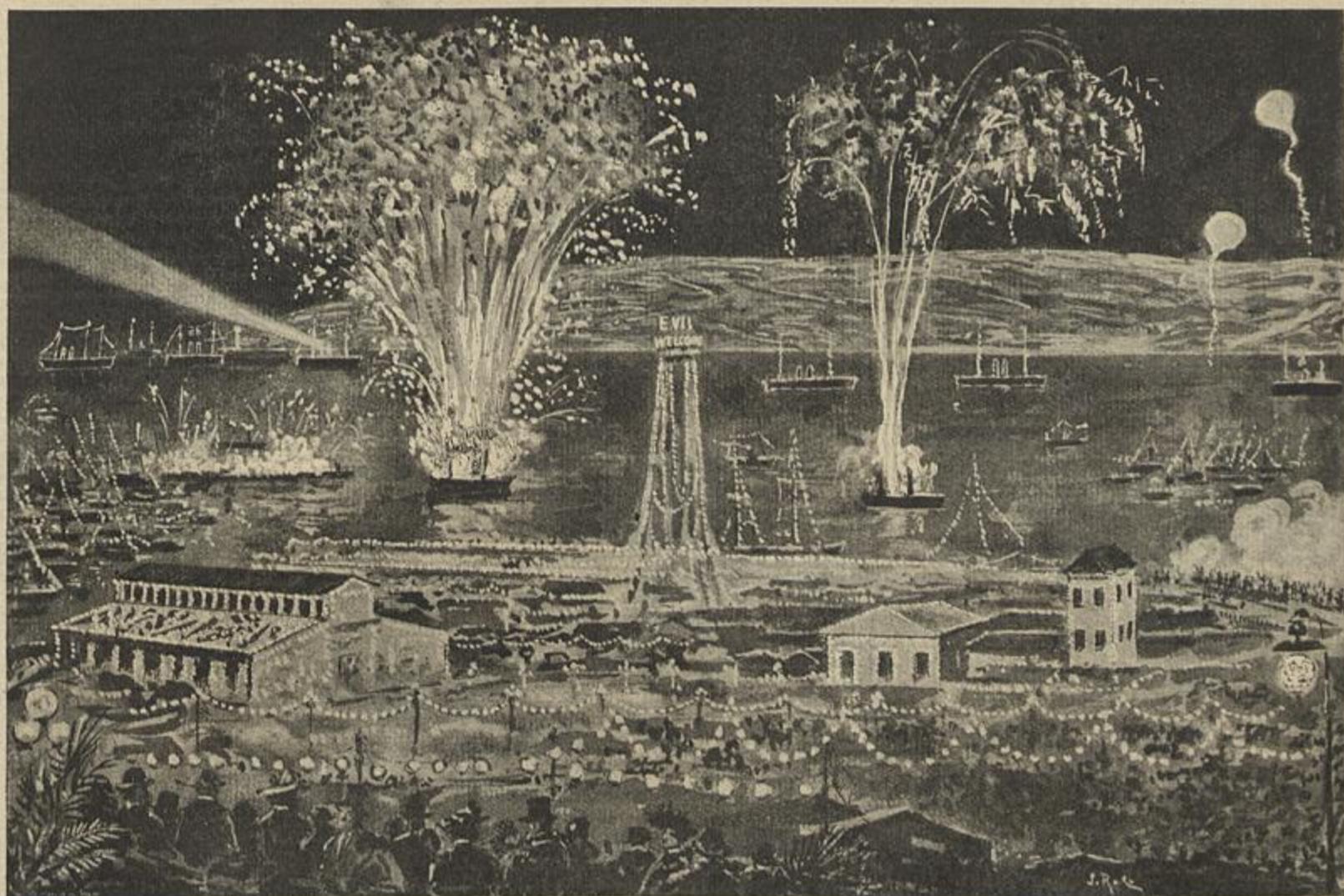
Situada junto da serra de que recebe o nome, Cintra é o enlevo de todos os estrangeiros que a visitam, não só pela sua luxuriante vegetação como pelos bellos pontos de vista que a recommendam e ainda pelas recordações historicas que se ligam á sua origem e a muitos dos seus edificios.

Habitada desde a mais remota antiguidade dei-

PASSAGEM DO CORTEJO REAL NA RUA 24 DE JULHO

(Photographia do sr. Arnaldo da Fonseca)

PAÇO DAS NECESSIDADES — QUARTO DE CAMA DE S. M. EDUARDO VII

(Photographia do sr. J. M. Silva)

xaram n'ella os celtas vestigios da sua permanencia n'aquelle fertilissimo torrão, nos seus toscos monumentos, um dos quaes ainda ali se admira sob o nome de *dolmen de Andrenunes*.

Uma grande parte dos eruditos que teem escripto sobre a fundação d'esta villa, dizem que ella principiou por um templo edificado pelos gregos, 308 annos antes de Christo.

Cahida em poder dos arabes, D. Affonso VI de Castella e Leão lh'a tomou entre os annos de 1074 e 1080, mas pouco depois os mouros tornaram a recuperar a sua posse.

Reconquistada em 1109 pelo conde D. Henrique tornou a ser possuida pelos mouros, resgatando-a para sempre, em 1147, D. Affonso Henriques. O mesmo rei a reedificou e povoou em 1149, dando-lhe foral em 9 de janeiro de 1154, que foi confirmado por D. Sancho I, em 1180 D. Manoel lhe deu foral novo em Lisboa, confirmando todos os seus antigos fóros e privilegios, em 29 de outubro de 1514.

Ali fundou D. João I o palacio real, que ainda existe, em architectura gothica, com o qual se relacionam alguns factos da nossa historia como o nascimento de D. Affonso V, a reclusão do monarcha D. Affonso VI, victima da ingratidão e crueldade de seu irmão D. Pedro II; e a reunião do conselho dos grandes do reino, á qual presidiu D. Sebastião antes da sua partida para Alcacer-Quibir.

Ainda hoje se admiram em toda a sua grandeza architectonica as salas: *das armas* (brasões); *dos cysnes*; da *audiencia* e das *Pêgas*; a magestosa capella e as vastissimas cozinhas com as suas chaminés colossaes.

Crêmos que ainda existe n'este paço uma verdadeira joia artistica: é um fogão em baixo relevo de Miguel Angelo.

* * *

Da estação os monarchas e a comitiva dirigiram-se á Pena, onde lhes foi servido o almoço, percorrendo depois o formosissimo parque do palacio, e admirando Eduardo VII e a sua comitiva, o magnifico e deslumbrante ponto de vista que d'aquelle aprazivel logar se disfructa.

CINTRA — O PALACIO DA PENA

O palacio e o parque da Pena, que é hoje uma das mais encantadoras vivendas da familia real portugueza, foram construidos na cerca e convento da Peninha, fundado por D. Manoel em 1503.

El-Rei D. Fernando comprou o convento e o castello dos mouros em 1838, sendo então o convento transformado n'um castello feudal, de architectura normando-grega, sem nada se alterar do estylo primitivo.

Com essa transformação e com outras bellezas que o gosto e a arte teem suggerido no decorrer dos annos, o palacio da Pena tornou-se uma verdadeira obra de fadas n'essa arrojada e phantastica construcção sobre um penhasco, donde a vista abrange a villa e todos os seus arredores, Cascaes, o pharol da Roca, o Tejo, o mar, povoações, valles e montanhas.

D'aqui dirigiram-se ao Monsarrate, onde os monarchas eram esperados por algumas senhoras e entre ellas mistress e misses Gosselin, mrs. Campbell e filhas, mrs. Sartorius etc. sendo-lhes offerecido um chá, pelo major general do exercito britannico sir. Quston Sartorius.

Esta vivenda que, tambem como a Pena impressionou agradavelmente Eduardo VII, é na verdade encantadora e um verdadeiro museu de objectos de arte.

Lord Byron, em 1810, sentiu tal enthusiasmo e encanto por aquelle sitio, que ali foi passar a maior parte do tempo que habitou Portugal. Foi em Monsarrate, segundo diz a tradição, que elle escreveu a sublime e encantadora descripção das bellezas de Cintra, que se encontram no seu «Child Harold».

Depois da estada ali de lord Byron, ficou aquelle palacio abandonado por cerca de 40 annos.

N'esse periodo alguns estrangeiros tentaram compral-o, e el-rei D. Fernando varias diligencias empregou para fazer aquella acquisição, pensando ligar aquelle palacio com o castello da Pena.

Só em 1885 é que o sr. Francis Cook, mais tarde visconde de Monsarrate, adquiriu aquella propriedade, transformando-a na mansão encantadora que hoje é.

O palacio é sumptuosissimo, extensa e formosissima a quinta e maravilhosos os jardins.

Só para fazer os jardins empregou o seu novo proprietario, em dois annos, mais de 2000 trabalhadores.

O jardim botanico é dos primeiros da Europa.

O palacio é d'uma grande riqueza; tem estatuas e quadros de grande valor.

* * *

Deixamos mencionados a largos traços os pontos principaes que constituem a grande attracção da pittoresca villa de Cintra, fica-nos ainda muito que dizer, especialmente d'outras encantadoras vivendas que a constituem, quintas, conventos, etc, mas esses não tiveram a honra de serem visitados pelo regio hospede a quem o tempo não sobrava para o cumprimento do que lhe estava imposto no programma official.

Eram 5 horas da tarde quando o comboio real chegou á estação do Rocio, trazendo de regresso de Cintra os monarchas e a comitiva que os havia acompanhado.

ILLUMINAÇÕES E FOGO NO TEJO

O palacio das *Janellas Verdes*, hoje occupado pelo Museu de Bellas Artes e d'onde o rei Eduardo VII e a sua comitiva assistiram ao fogo e á illuminação no Tejo na noite de 3, era propriedade da casa Pombal, e n'elle residiu por muitos annos a imperatriz D. Amelia, viuva de D. Pedro IV, até que falleceu em 1873.

Pouco depois o sr. marquez de Sousa Holstein, inspector da Academia de Bellas Artes, fez o aluguel do palacio por conta do Estado, para n'elle se guardarem os quadros e collecções artisticas, que se achavam depositadas em parte do extincto convento de S. Francisco, onde actualmente está installada a mesma Academia.

Por decreto de 22 de julho de 1881, assignado por Antonio Rodrigues Sampaio, então ministro do reino, e pelo sr. conselheiro Hintze Ribeiro, ministro das obras publicas, foi determinado que se realisasse no palacio da *Imperatriz* ou das *Janellas Verdes*, a exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola, sendo esta inaugurada em janeiro de 1882, por occasião da visita dos reis de Hespanha.

Para o fim a que se destinava, o palacio teve de soffrer varias reparações, construindo-se vitrines para accommodação dos objectos que deviam ser expostos; e,logo depois de fechada a exposição, realisaram-se ali novas obras de adaptação, ficando n'elle definitivamente installado o Museu de Bellas Artes, passando o edificio a propriedade do Estado.

Sendo agora escolhido pela sua excellente posição para o regio hospede disfructar as illuminações e fogo de artificio no Tejo, o jardim foi illuminado por milhares de copos de côres que espalhados pelos canteiros produziam um effeito surprehendente. D'entre as arvores saiam fócos de luz de côres differentes, e no varandim elevavam-se dez mastros com arcos voltaicos que illuminavam profusamente todo o recinto.

No jardim foi erecto um elegante coreto e estabelecido o *buffete* servido pela casa Ferrari.

O palacio foi magnificamente ornamentado, sendo escolhida para sala de honra a de pintura moderna onde estão os quadros de Condeixa, Columbano, Malhôa, Luciano Freire e outros artistas notaveis.

Por esta occasião foi tambem montado no museu *A Viuva*, esculptura de Teixeira Lopes.

Todas as salas do museu foram illuminadas a luz electrica, velados os fócos por transparentes, afim de se poder admirar bem os objectos e quadros expostos.

A mobilia Luiz XV que serviu na sala de honra era da Camara Municipal.

A tribuna para SS. Magestades foi armada na galeria da escada principal e atapetada de vermelho, pendendo das varandas colchas riquissimas e do tecto tres lustres com cinco lampadas electricas de 20 velas cada um.

Todos os trabalhos de ornamentação foram dirigidos pelo sr. Costa Pinto, a quem se deve a bella serenata dada no jardim pela tuna do lyceu em honra do rei Eduardo, e a surpreza feita ao monarcha inglez pelos alumnos da Casa Pia que, á sua chegada e acompanhados pela charanga, entoaram as duas estrophes seguintes do *God save the King*.

God save our gracious King,
Long live our noble King,
God save the King,
Send Him victorious
Happy and glorious
Long to reign over us
God save the King.

Thy choicest gifts in store
On Him be pleased to pour
Longmay He reign:
May He defend our lawis
Andever give us cause
To sing with hearthand voice
God save the King.

Eram já 10 horas da noite quando os monarchas deram entrada no palacio, começando tres quartos depois a queimar-se o fogo de artificio iniciado pelas grandes girandolas de morteiros.

A nossa gravura dá-nos o aspecto que, defronte do palacio das Janellas Verdes apresentava o Aterro e o Tejo no momento em que se queimavam as peças de mais surprehendente effeito.

Entre as 68 peças do programma, algumas das quaes agradaram muito, destacaram-se pela belleza de combinação de côres os grandes *bouquets* de flores campestres, de esmeraldas, rosas, papoulas, chrysantemos, rubis, etc., etc.

Os grandes foguetes de saudação ao rei de Inglaterra e a el-rei D. Carlos, as peças de fogo aquatico em jogos malabares, cobrindo parte do Tejo em frente do Museu, as chuvas de estrellas, a fuzilaria aerea, a chuva de aereolithos, e de meteoros, as granadas de myosotis e colibris e outras peças, tambem foram de excellente effeito.

A parte sul do castello de Windsor, que era a peça de mais momentoso effeito, agradou geralmente, não podendo ser disfructada senão dos pontos altos por estar muito distante.

O fogo foi fornecido pela conceituada casa do sr. Casimiro R. Valente, trabalhando n'ella alem d'outros os pyrotechnicos Manoel da Silva e José de Castro, filhos de Vianna do Castello, duas legitimas glorias d'aquella cidade do Minho.

Era meia noite quando o fogo terminou, retirando-se os monarchas, S. Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia e o sr. Infante D. Affonso pouco depois d'aquella hora.

* * *

O numero mais bello do programma, segundo muitas opiniões, e que não poderá jamais ser ex-

cedido, foram as illuminações no Tejo e nas montanhas da margem esquerda, que offerecia por entre o escuro da noite um aspecto verdadeiramente phantastico.

Desde Cacilhas a Porto Brandão viam-se milhares de lumes, que por vezes se alinhavam descrevendo as caprichosas curvas do terreno.

O pharol de Cacilhas, o alto de Almada, o Castello, o Pragal, tudo estava coberto de luzes, quer de simples tigellinhas, quer de barricas de alcatrão.

No rio era onde a illuminação attingia o aspecto mais sublime. Os navios de guerra ali fundeados illuminaram todos. Os cruzadores *D. Carlos, D. Amelia, Adamastor* e *S. Rafael* delinearam os seus contornos com lampadas electricas.

O *Yacht Victoria and Albert* produzia tambem um magnifico effeito. A linha de agua era marcada com luzes azues e as outras linhas com lampadas vermelhas e amarellas. Mastros, canos, prôa, tudo estava coberto de luzes.

Os cruzadores *Minerva* e *Venus* illuminaram egualmente, assim como o cruzador hespanhol *Pelayo*.

Vapores, fragatas, escaleres, canoas, barcos de pesca, todos ostentavam balões á veneziana, produzindo um effeito indescriptivel, cruzando-se em varias direcções, vogando sobre o rio, que reflectia toda aquella luz duplicando-a.

O vapor *Açor*, da Empreza Insulana, atracado ao caes illuminou com lampadas electricas.

Nos terrenos do empreiteiro Hersent, postos á disposição do sr. Costa Pinto era onde a illuminação attingia mais brilhantismo.

Ali todas as dependencias da empreza e os armazens, estavam completamente cobertos de tigellinhas de cores muito vivas e variadas, sendo contornadas por pequenas luzes polychromes, os telhados, as janellas e até as chaminés.

PASSEIO A CASCAES

Com o fim de acompanhar as nossas gravuras somos levados a alterar o relato das festas a Eduardo VII, abandonando a ordem chronologica que traziamos para nos referir á sua ida a Cascaes.

Este passeio realisou-se no dia 5, saindo o comboio real ás 3 e meia precisas da tarde, da estação de Alcantara Terra, conduzindo o rei Eduardo e el-rei D. Carlos, o sr. Infante D. Affonso e comitiva.

premio ao valor e á coragem de que dera tão evidentes provas aos inimigos da sua patria.

Foi tambem em Cascaes que embarcou em 1589, com destino a Inglaterra, D. Antonio, prior do Crato, com o exercito auxiliar inglez.

*
* *

No dia 5 toda a villa de Cascaes estava em festa, vendo-se ornamentadas com colchas e colgaduras as janellas da camara e com bandeiras as janellas da casa dos srs. condes da Guarda e Club Central, bem como muitas outras casas da R. Frederico Arouca.

'A' chegada dos monarchas foi feita na *gare* uma enthusiastica manifestação ao rei Eduardo, na qual tomaram parte muitas senhoras, o grupo de inglezes do cabo submarino de Carcavellos, e muitos cavalheiros com representação official na villa, incluindo o sr. Costa Pinto, que na sua qualidade de presidente da camara municipal de Cascaes, dirigiu uma allocução ao monarcha inglez.

Pouco depois organisava-se a corrida em automoveis indo as machinas na seguinte disposição:

Abria a marcha o automovel conduzindo o rei D. Carlos e o rei Eduardo, o sr. marquez de Soveral e o sr. general Clarck.

Seguia-se o automovel do sr. D. Affonso e por elle guiado, conduzindo os srs. condes de Arnoso e de Tarouca e official inglez Harding.

Em 3.° logar o do sr. dr. Oliva, guiado por este sr. e conduzindo seu filho, o sr. Costa Pinto, e filho, D. Fernando Pombeiro e tenente Senna, ajudante do sr. infante D. Affonso.

No 4.° automovel pertencente a Miss Mery, ia a guiar o «chauffeur» sr. Carlos de Carvalho, tomando n'elle logar aquella senhora e sua irmã.

O seguinte pertencia ao sr. Makee, n'elle tinham logar o sr. Beauvalet que o dirigia, o commandante do *Victoria and Albert*, o sr. coronel Duval Telles e um camarista do rei de Inglaterra.

Seguia-se-lhe o automovel pertencente ao sr. José Eduardo Abreu Loureiro, conduzindo os srs. dr. Rompana, director do hospital de Cascaes; Benoliel, José dos Reis e Eduardo Fernandes, da redacção do «Diario».

Finalmente, no 7.° e ultimo automovel, de que era «chauffeur» o sr. Chatell, iam os tres agentes

VILLA E PRAIA DE CASCAES

Cascaes em que o terremoto de 1755 produziu grandes estragos, demolindo muitas casas, arruinando as fortalezas, os quarteis militares, o palacio dos marquezes de Cascaes, as duas egrejas matrizes e os conventos da Piedade e Santo Antonio do Estoril, é hoje uma das villas mais concorridas pela nossa primeira sociedade, especialmente na epoca balnear, offerecendo um aspecto encantador a vista da bahia e do Oceano, e em terra a profusão das suas construcções, entre as quaes se contam muitos *chalets* de bello gosto, copia das pittorescas *villas* da Suissa, tão caracteristicas d'aquelle paiz.

Em Cascaes realisou o desembarque o duque de Alba, general de Filippe II, quando em 1580, á frente d'um importante troço do exercito castelhano, veiu tomar posse de Lisboa.

Oppozeram os nossos contra o invasor uma heroica defeza de 2 horas, mas tendo um traidor franqueado uma das portas do Castello, por ella entraram os castelhanos, e o bravissimo e leal capitão d'Africa, D. Diogo, que era governador da praça, foi feito prisioneiro e degolado dias depois n'um patibulo, por ordem do duque d'Alba, como

da policia ingleza e o sr. dr. Francisco Ferraz de Macedo.

Os automoveis tomaram a estrada que conduz á Bocca do Inferno, entrando no Pinhal da Marinha, pertencente ao sr. conde de Moser.

D'ali S. S. M. M. regressaram a Cascaes chegando á Cidadella pouco depois das 4 e meia da tarde e, tendo apenas alguns minutos de demora, seguiram para a estação em automovel acompanhados das outras machinas.

Poucos minutos depois das 5 horas o rei Eduardo dava entrada na *gare* para tomar o comboio para Lisboa, sendo ali recebido pelo hymno inglez, tocado pela banda dos bombeiros voluntarios, e entoando a colonia ingleza o *God save the King*.

No proximo numero referir-nos-hemos ainda á visita de Eduardo VII, relatando-as nos pontos que omittimos agora, por já ir longa esta resenha.

NECROLOGIA

MONSENHOR SEBASTIÃO JOSÉ RUAS DE ABREU

Ceifou-o a morte na pujançada vida, quando d'elle havia a esperar ainda muito trabalho e dedicação.

Contava apenas 42 annos, pois nascera a 10 de Março de 1861, sendo seus paes, o Dr. Luiz Filippe d'Abreu, Capello na faculdade de Direito, e D. Maria Emilia Vieira Ruas d'Abreu, ainda vivos, elão profundamente feridos por tão irreparavel perda.

Se porém foi curta a sua carreira, foi larga a folha de serviços que prestou á causa da Egreja, em cujas fileiras se alistou aos 23 annos, recebendo a Prima Tonsura e Ordens menores em 20 de Março de 1884.

A essa causa, se consagrou de alma e coração, defendendo sempre, com animo valoroso e coragem nunca desmentida, os santos principios da Religião Christã, que bebera com o leite e aprendera com o exemplo de paes piedosos, verdadeiros modelos de virtude.

No seio da familia, foi sempre exemplar, distinguindo-se por uma piedade solida e percoce, que revelava já o fundo admiravel da sua alma bem formada.

Depois dos estudos preparatorios, que fez em Lisboa com distincção, foi em 1882 para Coimbra, terra da sua naturalidade, fazer os seus estudos theologicos na Universidade, recebendo o grau de Bacharel em 28 de junho de 1887. Ahi se distinguiu não só pelo seu amor ao estudo, mas pelo seu porte irreprehensivel, que a todos edificava.

Voltou depois a Lisboa e começou então a sua carreira ecclesiastica, com um ardor e enthusiasmo verdadeiramente dignos de imitação.

Conheceu-lhe então o merito o actual Em.^mo Patriarcha de Lisboa, que lhe conferira todas as Ordens e que logo a 28 de fevereiro do anno immediato, 1888, o nomeou Desembargador da Relação e Curia Patriarchal, logar que desempenhou sempre com assiduidade e distincção, mostrando a todos, não só o largo cabedal de conhecimentos que possuia, mas tambem a energia e rectidão de caracter que sempre o distinguiu.

Nomeado conego da Sé de Lisboa em 6 de dezembro de 1895 e depois Arcediago da mesma Sé em 5 de janeiro de 1899 continuou n'esses logares as gloriosas tradições que já o acompanhavam.

Zeloso cooperador do seu Em.^mo Prelado na creação do Pequeno Seminario de S. Vicente, a esta obra, de grande alcance social, consagrou o melhor da sua energia e boa vontade, concorrendo não só com o seu trabalho — pois regeu sempre com distincção as cadeiras de Historia e Geographia e ultimamente duas de Theologia, Hermeneutica Sacra e Dogmatica Especial — mas ainda com o seu subsidio pecuniario, que era um dos mais valiosos que o Seminario recebia.

Era alem d'isso Promotor fiscal do Patriarchado, cargo que exerceu sempre, como todos os outros, com zelo inquebrantavel.

Pelos serviços prestados á Egreja tinha sido elevado á dignidade de Proto-Notario *ad instar participantium* e era condecorado com a cruz de *benemerencia*.

E' esta a breve resenha dos seus serviços á Egreja; é este o resumo da sua vida publica, verdadeiramente notavel a todos os respeitos.

A sua caridade, sobretudo, não conhecia limites. Que o digam os seminaristas pobres que elle a occultas soccorria; que o digam as pessoas e familias inteiras, que hoje pranteiam a sua falta. Basta dizer que, exercendo cargos, que, se não eram bem remunerados, eram pelo menos sufficientes para poder juntar alguns meios, trabalhando assiduamente no pulpito — que sempre honrou, com a lucidez do seu espirito e com a sciencia que possuia, alliando a profundeza dos conhecimentos á clareza da forma, — morreu pobre.

E' este o seu maior elogio. A sua morte foi edificante, como edificante fôra toda a sua vida.

Deus terá decerto recompensado a sua grande dedicação, fazendo entrar o seu espirito clarissimo na mansão dos justos, no entanto, uma prece, por quem tão bellos exemplos de virtude deu ao mundo, será sempre bem acceite por Deus.

A seus extremosos paes e a suas inconsolaveis irmãs a profunda expressão do nosso pezar.

C.

JOÃO NUNES DA SILVA

O commendador João Nunes da Silva cuja morte foi uma surpreza dolorosa para a nossa praça, occupava na marinha mercante portugueza um logar proeminente, não só pelas suas qualidades de marinheiro, como pela alta competencia que todos lhe reconheciam.

MONSENHOR SEBASTIÃO JOSÉ RUAS D'ABREU

FALLECIDO EM 17 DE MARÇO DE 1903

Era natural da ilha de Santo Antão onde nasceu pelo anno de 1847, contando á data do seu fallecimento 56 annos de idade, e mais de quarenta da vida affadigosa do mar.

Começara aos 11 annos o seu tirocinio no brigue portuguez *Senhor do Bomfim*, da praça do Porto, e logo a sua vocação se começou a manifestar na facilidade com que escalava as agruras do aprendizado, tornando-se em pouco tempo conhecedor dos segredos do seu officio, em que mais tarde devia ser consagrado como uma das maiores competencias.

Quando em 1865 rebentou a guerra entre o Brazil e o Paraguay, achava se João Nunes da Silva empregado na navegação de cabotagem no Rio Grande do Sul, a bordo da escuna brazileira *Zuavo*, porém apenas teve conhecimento do rompimento das hostilidades entre os dois paizes, pozse logo de alma e coração ao lado dos nossos irmãos do Brazil, passando a servir nos vapores transportes brazileiros, sendo lhe dado o commando do vapor argentino *General Mitre*.

Nunes da Silva commandou tambem diversos navios de vela e os paquetes *Cidade da Praia* e *Malange*, merecendo honroso registro algumas viagens d'este ultimo, cujas derrotas dirigiu com tão superior criterio que deram merecidos créditos a este paquete.

Conseguindo reorganisar a Mala Real Portugueza depois d uma lucta tenacissima, foi seu administrador, logar em que deu inexcidiveis provas de honradez.

O commettimento não foi coroado de bom exito e tendo de liquidar a Companhia, o seu dedicado administrador, cujos esforços se inutilisavam perante a evidencia das circumstancias, retirava-se pouco tempo depois para S. Thomé, onde administrou com superior intelligencia e zelo a Sociedade S. João dos Angolares, até que a morte o roubou ao convivio dos amigos no dia 2 de março.

João Nunes da Silva foi agraciado pelo governo portuguez em 1890 com o habito de Christo e em 1892 com a commenda da mesma ordem pelo modo como se portou na viagem que conduziu a Moçambique a primeira parte d'uma expedição militar. E como recompensa tambem dos seus bons serviços e desejos pelo desensolvimento da nossa marinha mercante, foi eleito em 7 de novembro de 1896 vogal da commissão permanente de defeza da marinha mercante portugueza, pela assembléa dos armadores e consignatarios de navios na Associação Commercial do Porto.

COM.OR JOÃO NUNES DA SILVA

FALLECIDO EM 2 DE MARÇO DE 1903